

# Pindorama

REVISTA DE CRÍTICA E LITERATURA

DIREÇÃO :

Gervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

Cuiabá — Mato-Grosso



2\$

PREÇO



DEFENDA A SUA SAÚDE:

**Farmácia São Benedito**

DE

**IRMÃOS HERANE**

Medicamentos garantidos—manipulação rigorosa

Avenida Generoso Ponce, ao lado do

1. Barateiro

**CUIABA'**

**MATO-GROSSO**

*Philips* apresenta

Sintonisação elétrica em

Faixa ampliada

**RECEPTOR 241 A**

**VISITEM A EXPOSIÇÃO DE RADIOS**

**PHILIPS "ESTRELAS 1939"**

PRAÇA DA REPÚBLICA N. 8

Francisco Laraya

Agente exclusivo.

# Pindorama

REVISTA DE CRÍTICA E LITERATURA

— Aparece duas vezes por mês —

Redação: Rua Comte. Costa, 101—Fone 42

## DIREÇÃO

Gervásio Leite

J. B. Martins de Mello

Rubens de Mendonça

## *Posição da mocidade*

Quando “Pindorama” apareceu, formulou uma profissão de fé compatível com o mundo contemporâneo. Isto é, analisando um mundo que se desagrega e que marcha aceleradamente para o abismo, o moço de hoje, que tem a coragem de viver dentro do seu tempo, deve procurar no cáos, paradoxalmente, rumos para um mundo mais humano. Intolerantemente a juventude deve manter dentro dos seus princípios, sem aceitar acôrdos com os princípios decadentes que certos espíritos velhos defendem. E’ dessa luta na defesa dos nossos princípios que nascerão princípios mais humanos, capazes de satisfazer a vida absorvente do século. Nada de desfalecimento. A luta é para forte. Aqueles que não sabem ter coragem para sustentar seus ideais são indignos de se arregimentarem na falange da mocidade.

“Pindorama” continúa na vanguarda.

ANO I — N.º 3

15 de Julho - 1939

GUIABÁ—M. Grosso

# PIRANDELLO

Esse Luigi Pirandello que se doutorou em Filosofia na Alemanha recebendo no final do curso com o diploma a frase — *Sumos Philosophiae honores, doctoris nomen jura et privilegia* — e que se fez teatrologo e novelista procurando no absurdo uma razão para aquele pedantesco titulo latino que um collegio de filosofos lhe conferiu foi o mais singular escritor da Italia moderna.

Espirito terrivelmente moderno (a expressão é pirandellesca) êle nunca fixou a atenção no fato vida-comum. Para esse filósofo peralta só as excessões foram dignas de menção. Toda sua obra é um relatar genial de absurdos, com um método personalissimo onde se casam humorismo e loucura, fantasia e realidade, metafísica e futilidade. Talvês Pirandello não pode compreender a vida vulgar de todos nós e, por isso teve que saltar as barreiras da vulgaridade para, encontrando terras novas expandir o seu bandeirantismo espiritual.

Na sua obra—*Tutto per bene; Sei personaggi in cerca d'autore; Enrico IV; Il fu Mattia Pascal*, etc.— encontramos assombrosos trechos de Psicologia, e nela êle se transforma num alquimista diabólico, num pensador clownesco procurando provar a mutabilidade da alma humana. Porque para êle o homem não tem somente um Eu, mas uma superposição de "eus", em parte conhecidos e outros misteriosos e subterraneos. Tudo que

é da psiqué humana é mutável. Opiniões, ideias, principios tudo passa, muda, transforma-se dependendo do predomínio de determinado "eu" num momento dado. Desse modo Pirandello permite que os seus absurdos corram livremente, deixando a sua imaginação ultrapassar tudo que já foi feito de fantastico com esse ar natural de coisa que aconteceu ou que póde acontecer.

Assim é a sua peça "Enrico IV" onde o heroi julga-se em pleno século vinte aquele imperador alemão. No final vendo as consequências do seu ato, resolve continuar sob a pele de Henrique IV ainda que todos o considere um louco. Pirandello tece cadeia de deliciosos absurdos!

O autor de "Un cavallo nella luna", sêmpre se mostrou simpático com essa especie de loucura meio trágica, quasi comica, onde não se sabe quando acaba a insanidade e quando começa a serenidade. Seus personagens são loucos serenos, fantasmas que raciocinam, espiritos sutis e profundos, vagos e simbólicos. Encara a Arte como reintegração da personalidade do artista na sua obra. Escreveu no "Humorismo" que "o artista deve sentir a propria obra como ela se sente, e quere la como ela se quer. Ter um fim e uma vontade exterior, quer dizer—matar a arte." Dentro desse principio Pirandello construiu a sua obra. O centro de seu pensamento— diz Cândido Mêta Filho — está na reali-

## de Gervásio Leite

dade sensível das criações do espírito. Pirandello volta-se obsedado para dentro de si mesmo e com uma análise impertinente, que vai ao paroxismo, procura dar-nos a realidade tumultuante e vertiginosa da vida exterior, o instante estético, o momento artístico emanado da consciência especializada do artista que tem o dom de ligar os fragmentos, de harmonizar os contrastes, de compôr a unidade integral, de tecer a vida universal e eterna das criações.

Dentro desse roteiro o seu espírito imenso concretizou alguns dos instantes mais sublimes da arte, e a literatura italiana atingiu com êle, principalmente no romance instantes até então desconhecidos. Genial creador de absurdos êle não foi pessimista; o seu tom humorista de um humorismo britânico não atinge até o tom escuro da tragédia. Equilibrou sua obra entre o fantástico que ninguém leva a sério e o pensamento possante e fecundo alimentado na filosofia alemã. Sabiamente manteve-se no meio termo: entre o comico que populariza as obras e o pensador que as eternisa.

Para manter sua política de absurdos onde êle esconde certas verdades que circunstâncias políticas impedem vulgarização ou que o temperamento artístico não quer aclarar Pirandello lança mão

de tudo. Mistura Metafísica com Poesia, introduz projeção cinematográfica no seu teatro, escreve romance tendo como motivo inicial noticias de jornal, é comico e trágico e em certos temas superficiais introduz pensamentos profundos.

Nasceu na Sicilia e estudou na Alemanha. Com alma de poeta doutorou-se em Metafísica; espírito latino vibrátil e violento acalmou-se aparentemente, com a ciência alemã e escreveu livros como "O falecido Matias Pascal" que afinal está vivissimo até a última página.

Livre dos preconceitos que estreitam, que diminuem as possibilidades dos artistas, perfeitamente ao par do movimento científico do seu tempo, que permite o aparecimento do humorista naturalmente enciclopédico, artista por tendência da raça Pirandello escreveu a obra maior da Italia do século XX.

Sua obra fecunda lançou a literatura mundial para um rumo novo, e apesar de artista solucionou com as suas produções questões científicas, avançando para o terreno da Psicologia como o mais seguro psicólogo de seu tempo.

Morto recentemente sobreviverá na grandeza da sua obra.

Rio, Agosto de 1938.

D  
A  
N  
S  
A  
  
M  
A  
C  
A  
B  
R  
A

*Meia-noite...*

*Vibra no silêncio noturno  
a música espectral  
de doze lentas pancadas.  
A paisagem branca do cemitério  
mais branca se torna  
sob a funérea luminosidade  
da lua.*

*Um minuto se escôa...  
Pia um môcho á sombra dos ciprestes.*

*Súbito,  
como numa alucinação,  
as tumbas uma a uma, se abrem,  
saltando lhes do interior,  
num téticc entrechocar de ossos,  
os niveos esqueletos.*

*Começa, então, a ronda fantástica!  
Num ritmo de loucura,  
as formas estranhamente fulgurando  
á luz diáfana do luar,  
os espetros dansam;  
giram,  
ruidosamente,  
vertiginosamente,  
ao compasso feroz  
de uma ironica e arrepiante gargalhada,*

: : : : : :

*E se prolonga o bailado da Morte,  
noite a dentro,  
interminavel,  
doloroso,  
espantando a quietude ambiente,  
a morbidez dos gestos e dos sons,  
— gestos que lembram,  
na Vida,  
a inutilidade dos esforços  
e sons que condensam  
o clamor das ânsias humanas.*

: : : : : :

*Um galo canta...  
o ritmo da dansa macabra  
pouco a pouco vai decrescendo,  
com as mutações gradativas do Levante;  
finalmente, morre.  
Amanhece. Os espetros  
ás sepulturas tornam.*

ESBÔCO—SÔBRE A  
PÁGINA MUSICAL  
DE SAINT-SAENS,  
INSPIRADA EM JE-  
AN LAHORE.

---

---

EURYCLES MOTTA

---

---

Esta crônica não foi, (disto fiquem certo), nem apoiada no "Homus homini lupus" de Hobbes, tão pouco inspirada na obra lombroseana.

Procuo apenas confirmar o clássico princípio da confusão dos extremos—a perfeita identificação do homem das cavernas com o homem mecânico dos arranha-céus.

Sem pretensões a profeta, posso quasi que afirmar—a próxima guerra será de tal modo desumana, que subtrairá aos homens, o pouco de inteligência que ainda possuem.

Na super-civilização que surgirá após o Cáoos que abalará o mundo, o individuo só pensará em si, pois o resíduo de amor ao próximo, que ainda raramente se encontra, será varrido totalmente da terra. E vivendo sob o temor constante de serem atacados os homens sentir-se-ão eternamente preparados para a luta. Matarão para que a fome não os mate. Roubarão para que a falta do pão não lhes roube a vida. Ter-se-á então estabelecida a segunda modalidade do primitivismo. O dos selvagens, natural, inocente, instintivo; o dos super-civilizados, necessário, obrigatório, estatuido pela legislação cruel da necessidade.

As grandes potências roubam e matam deshumanamente e não há punição para esses roubos e assassinios. Por que? São fortes, bem armados e precisam viver.

Por analogia, os homens da idade futura seguirão o exemplo das nações modernas. Investirão contra seus próprios irmãos em pátria, e quiça em família, para satisfizerem a inevitável necessidade visceral.

A civilização em tal ponto mecanizada prescindirá da inteligência. Restará apenas o instinto primitivo da defesa. Selvagem de unhas polidas, barba feita, ingerindo vitaminas sintéticas de laboratório.

Desaparecerá a aquisição da propriedade por compra, herança ou uso-cópia. O roubo será o meio aquisiti-

## SELVAGEM DE UNHAS POLIDAS...

ODILO SILVA

vo mais legítimo, e mais respeitado ainda, se acompanhado de um homicidioso, com alguns requintes de perversidade.

Com o sumiço da inteligência, perder-se-á a noção do bom e do justo, do verdadeiro e do sensato.

Aquela invariabilidade do conceito, que Platão nos bons tempos doutrinou, nem como preciosidade histórica, será conservada porquanto os homens super-mecanizados e primitivos não terão necessidade do raciocínio filosófico. O conceito do homem racional, que á luz da teoria das idéias é invariável, cairá por terra, e o homem perderá essa qualidade inerente, restritiva de *racional*.

A diferença entre as duas modalidades de primitivismo reside unicamente no que segue: num, a nudez da naturalidade; noutro, a indumentária do artifício. Nêste, a coragem, o destemor do selvagem; naquêle, a luta covarde dos gladiadores "granfinos". Não mais a luta leal, corpo a corpo. O combate será químico pelas costas, refinado, civilizado em suma.

Não ha paradoxo portanto, no admirar aquelas duas extremas modalidades do primitivismo. É a realidade que palpita nos menores gestos dos precursores da era que se aproxima, crescendo ameaçadoramente enfrente aqueles, que como eu, acreditavam na perfeição, quando atingido pela humanidade, um elevado nível de cultura e compreensão da vida.

Estúpido foi Séneca em dizer que o Universo era a Patria do homem. E um pouquinho mais o senhor Leibniz, quando afirmou que Deus creara o melhor dos mundos possíveis...

\*\*\*\*\*  
"PINDORAMA" é uma afirmação de cultura, de inteligência, e de vontade.

Há alguns anos passados conheci um certo Macário. Conhecimento de rua que se transformou em amizade. Depois o tempo nos separou, dando-nos unicamente a chance de conversarmos por intermédio de cartas. Hontem recebi uma estranha mensagem desse amigo. Macário me escreveu o seguinte:

«Meu caro amigo—Confesso-lhe que sou cético, pessimista e mentiroso. Tenho essas virtudes por necessidade, por um imperativo social. Quem pôde deixar de ser mentiroso num tempo como este? Só a mentira permite a sociedade andar direitinha nos seus eixos, se a sociedade pôde andar direita! Em todo caso sou mentiroso e, com razão. Veja você: vou andando com um amigo por uma rua movimentada; em dado momento atravessamos a rua distraídos. Naturalmente passam automóveis e um deles esmaga o meu amigo. Gritos, correrias, protestos, o diabo enfim. Mas o meu amigo ficou morto. Continúo a marcha aborrecido e pensando na fragilidade dos destinos humanos. De repente encontro a

desta carta. Há pouco tempo ou melhor há poucas horas estive enredado numa singular aventura apesar do meu desencantamento, como também do que está contido no parentesis acima. E' assim a vida! Há pelo mundo milhares de individuos procurando sensações inéditas, coisas exquisitas, fatos raros; eu, porém, que não pretendo nada senão o meu ordenado no fim do mês e um pouco de ar vejo-me frequentemente metido nesses accidentes que dão dor de cabeça. Não me canso de afirmar que sou um cidadão pacato. Meu maior prazer é morrer, obscuramente; no entanto há uma força estranha que está brincando comigo, me atrapalhando a vida de um modo atroz.

De há cinco anos a esta parte eu estou sempre presente nos logares onde acontece cousas excepcionais: No caso daquele roubo da joalheria, que lhe contei numa das minhas cartas, p sava por acaso naquela rua justamente no momento do alarme. Apareci nos jornais e minha vida foi investigada. Depois daquele, suicidio no Pão de As-

## CASAMENTO DE MACÁRIO

esposa do morto—uma joia (dizem os amigos, pois, como disse acima sou cético e pessimista) e ela me pergunta do marido. Sou cético, pessimista, fatalista mas não posso dizer a essa joia (dizem os amigos, eu, etc. Vide o primeiro parêntesis), com indiferença—:O seu “precioso” marido teve o desprazer de sentir um automóvel sobre o corpo e, como o automóvel era pesado ficou esmagado, isto é, morto. Daí a necessidade da mentira.

Quanto ao meu pessimismo e consequente ceticismo seria longo e fatigante explicar; sou numa palavra, um desencantado, um homem que perfeitamente deixou de abrir a boca para ridiculamente espantar-se. Nada mais me causa espanto. Se amanhã me disserem que um tufão matou um milhão de chinêses, tomarei unicamente o trabalho de esperar outro tufão que mate um milhão e duzentos mil.

Entretanto entremos no objetivo

sucar estava justamente a borda do abismo fascinado pelo despehadeiro. Vem aquele casal de namorados e... bum! Novamente os jornais falaram de mim, e, um deles anotou esta singularidade do minha presença nos logares onde acontecem coisas. Eu, como faz um cético que se preza, levantei os ombros e sorri intimamente, concluindo que o Acaso malicioso zombava de mim.

\*\*\*  
Mas não era o Acaso, porque essa coisa continua ainda me amelando, e voce vai concluir comigo que, apesar do meu ceticismo, é desagradavel coisas destas justamente na vespas da minha aposentadoria. E' demais para um funcionário público.

Voce me conhece bem, e sabe que não posso ter preocupações. Pois, meu amigo acaba de me acontecer a coisa mais fantástica, mais extraordinária, mais absurda que pôde acontecer na vida de um homem que como eu pri-

ma pela falta de ambições. Em poucas palavras — ESTOU CASADO. Vai grifado para melhor impressionar o seu espirito como deve ser impressionado. E, ainda o que é mais espantoso, casei-me sem saber porque, nem como: Só sei que estou casado com todas as formalidades exigidas pela lei.

Você que é meu amigo, e que, conhece os meus hábitos e os meus princípios, pôde perfeitamente calcular a extensão desse desastre, a enormidade desse absurdo.

Sei muito vagamente que estava na praia do Flamengo num belo fim de tarde — anoto esta particularidade por-

### JOEL CORRÊA JUNIOR

que parece que ela influiu no meu espirito — e que um sorveteiro gritava sorvete de coooooo. Foi quando passou o maillot azul levando o corpo da minha atual mulher. O seu espirito ia preso nas páginas de um livro. Dai começou a serie de absurdos coroados pelo absurdo maior — o casamento.

Primeiro absurdo — eu vestia um terno de casemira cinzento, bem barbeado, cabelos rigorosamente penteado e, apesar da idade, não sou feio. Mas não é comum em céticos e desencantados ou descrentes esses cuidados com toilettes; porém, a tarde estava bonita, e eu antes de ser cético sou humano, donde a facilidade da vaidade insinuar-se. Resultado sai bonito.

Segundo absurdo — Os olhos da pequena levantaram-se do livro e encontraram-se com os meus. Eram olhos belissimos. Senti uma coisa estranha. Ela sorriu. Sorri também e me aproximei. Falamos. Ela muito naturalmente expôs-se na areia e, pôs-se a conversar comigo. Havia na sua voz um acento diferente, musical, encantador. Conversamos longamente. Falamos dessas banalidades que dão inícios aos namoros. Cinema. Moda. Praias. Bailes. Futilidades. Quando voltamos á realidade escurecia. Ela anotou o fato dizendo que o interessante da minha conversa destruía o tempo. Adeus indiferença! Retribui a gentileza com um galanteio forte, lembrando, que a luz dos seus olhos iluminava noites profundas, depois vi que

havia um mau gosto suburbano nesse dito. Mas sou cético e.. disse tudo. Andamos algum tempo sob as arvores da avenida Beira-Mar até á sua barata, um automovel elegante e de preço.

Terceiro absurdo — E ela é rica. Eis o que me espanta de um modo arrazador. Como pôde uma jovem de vinte e dois anos, bonita, educada, fina, elegante e rica casar-se com um solteirão de quarenta e nove anos, funcionário público e indiferente? No momento não cogitava disso, é verdade! Era presa de um entusiasmo impróprio de um cético. Ela me deu o seu endereço, e eu, naturalmente abusei dele. Vivia no mundo da lua; a realidade para mim era ela. Descontrolei-me. Houve confusão, uma sucessão rapida de fatos que culminaram, ai de mim, na pretoria, onde ouvi entre encantado e confuso as palavras sacramentais: Em nome da lei declaro-vos marido e mulher.

\*«\*

Entretanto, meu caro amigo, a coisa mais trágica, mais seria é que depois do casamento não sei o que fazer de minha mulher. Não abra a boca, não se espante, o fato pôde parecer-lhe fantástico, mas é real. No dia seguinte, ontem de manhã me veio essa idéia á cabeça. No meu ambiente de solteirão ela não se adata, não se intrega, parece que a minha casa adquiriu com a minha vida de isolado o ar de solteirão. Já tentei insinuar ao dominio interior que essa preocupação é inutil, sem razão de ser, descabida, mas, êle insiste em repetir que ela não é objeto próprio para um solteirão, que mocidade quer mocidade, e outros absurdos desse tamanho. Esse pensamento me domina, me escravisa. Chego á impressão da loucura, mas reconheço que ainda estou são porque o louco julga-se perfeito. Ora, meu amigo que posso fazer? Esta carta tem justamente esta finalidade: Quero seu conselho.

Julia — é o nome de minha mulher — felizmente ainda não notou este caso singular. Reconheço a singulari-

(Continúa noutra local)

# Carta aberta aos diretores de "PINDORAMA"

A evolução da humanidade tem raízes profundas na literatura. É ela, por assim dizer, o centro nervoso de todas as atividades humanas.

De uns anos para cá o Brasil vem perdendo muito do que era. Em tudo por tudo. Principalmente no terreno literário, onde encontramos notáveis características de evolução. E isso é um bom sinal. Sinal de que vamos para frente, de que não somos um povo tão inferior assim como nos consideram os arianos, apesar de toda a nossa sífilis, de toda a nossa preguiça mental, de todo o nosso amarelão, de toda a nossa burrice e de outros males que nos afligem...

A literatura brasileira do momento, descontando naturalmente as falhas e inconveniências de todos os períodos de transição, é estupenda. O romance, a poesia a novela, a crítica, o ensaio, a biografia, etc., de Norte a Sul do país vão num desenvolvimento sempre animador. E o que é mais admirável é que esse movimento de renovação intelectual se processa impulsionado pelas forças dinâmicas e pelas novas energias morais da nossa geração. Da nossa geração infeliz, cética, desamparada. Da nossa geração que surgiu sob o pavor da grande guerra, que cresceu em períodos sucessivos de agitações sociais, de descrédito e desconforto e que, a marcha dos últimos acontecimentos políticos estão indicando, desaparecerá sob os escombros

das cidades bombardeadas, amanhã ou depois...

Apesar disso, jovens amigos, e enquanto essa catástrofe ainda se agita no cérebro doentio dos guerreiros, consola-nos imenso trabalhar, fazer algo em prol de alguma coisa. Alguma coisa que se parece muito com a paz, a cultura, o direito e a justiça.

A publicação de "Pindorama" não me causou surpresa. Nunca duvidei da inteligência borórea... A coragem, a intrepidez e esse esforço que redundou na bela iniciativa de vocês, entretanto, me deixaram boquiaberto. Confesso que esperava tudo, menos isso. E muito menos daí, que sei, centro sem entusiasmos para coisas do espírito ágil e sem o material necessário para publicações desse gênero.

"Pindorama", é uma revista moça, moderna, entusiasta, completa. É uma vitória da inteligência jovem de Mato-Grosso.

Agora, meus amigos, é trabalhar, é lutar com a indiferença e os "bolsos furados" da nossa gente... E não se desanimem, porque, e não se esqueçam disso, vocês vão fazer alguma coisa em prol da cultura matogrossense, quer dizer, vão colaborar concretamente contra a sífilis, o amarelão, a ignorância e a burrice da nossa terra.

Rio—Junho—1939.

Lobivar Matos.

---

## Poemas de Henrique Rodrigues Vale

### O MÁU

*O máu não é seres fria  
como uma estátua;  
o máu é não seres uma estátua.*

### O IRREMEDIÁVEL

*O peor, o horrível, o irremediável  
é que apesar de tudo a vida é bela,  
como a mulher fatal.*

### DÚVIDA

*A noite é negra mesmo?  
O mundo é mesmo triste?  
Ou sou eu que sou burro?*

### O CACTUS

*Gosto do cactus  
que não engana;  
só tem espinhos.*

# SYLVIO GUIMARÃES *escreve.*

Passou junho, e, com êle, as tradicionais festas juninas que, aqui, como em toda parte, se requintam de características tipicamente sertanejas.

Há, em tudo, nos tres dias do mês, um calor de fogueiras enormes, de batatas assadas, de visitas familiares, de roupas à caipira, de danças e batuques rudimentares, de toda uma trama de lances interessantíssimos, que fazem, de tais noites, uma expressiva paisagem do sertão, desse sertão de violas tangidas por caboclos valentes, que só se acovardam quando se deixam embriagar pelos laços de fita e pelos vestidos de chita, das róceiras, que são o pecado mortal de muita gente...

A tradição destas festas é das mais sagradas.

Conta-se que a festa de São João se originou do acôrdo entre Nossa Senhora e Santa Isabel, segundo o qual aquela que primeiro fosse mãe, mandaria fincar um mastro na montanha próxima, aí acendendo uma fogueira.

O mastro e a fogueira vão marcando, através dos tempos, a lembrança daquele nascimento. E é, em tôrno, deles, festejando o fato bíblico, que os devotos se alegram, vendo foguetes que estrugem, buscapés que rastejam, bombas que estouram, pistoletes que faiscam, gente que passa, que dança, que saboreia pamonha e pipoca, cangica e mungunzá, bôlo de arroz e batata assada...

Tempo bom esse em que a gente se torna compadre, pula fogueira, tira sorte, lava São João, enfim, faz dos aborrecimentos grandes balões para que se incendeiem bem longe de nós.

Quantas recordações e quantas reflexões nos sugerem essas festas de junho!

Sente-se, porém, que elas vão perdendo o encanto de outros tempos. O rito do fogo, herdado, de Portugal, que, por sua vez, o trouxe da China, com seu calor profano e religioso, já vai passando para os domínios das noites esquecidas. Onde a quele estreitamento de mãos de que nos falamos os antepassados, segundo o qual, «á roda da lareira os semblantes afogueados sorriam, quebravam-se os enleios da modéstia feminina, a audácia reluzia nos olhares dos rapazes, esvoaçavam as crianças como graúdas borboletas na sombra, e o aspeto patriarcal dos pais de família adoçava em prodígios de hospitalidade, condescendência a bonhomia»?

«Os grandes centros, diz o sr. Pedro Calmon, já não sabem o que é o S. João da roça. Antigamente essa gloriosa zoada tinha uma intenção pia. Era barulho de despertar os santos. Algazarra de acordar os mortos. Ruidos de abalarem os céus. Explosão também de sentimentos cordiais. Revoada de afetos difusos. Ronda noturna e lucilante de simpatias cris-

Continua noutra página

# CONRADO HERROI



CONRADO era um desses adoráveis ingenuos, predestinados a todas as derrotas. Fôra sucessivamente empregado público várias vezes, oficial de polícia, servente de pedreiro, e agora coletor estadual, em Santa Rita ou Santa Joana, não me lembra bem, com essa constante mudança de nomes aos lugares... Enfim, numa cidade de quinze mil habitantes, e, dizendo isto, já se advinha o resto: tres ou quatro ruas calçadas a paralelepípidos, uma praça no centro, onde a banda da Força Pública executa, aos domingos, velhas composições, para o "grand monde" local. Cidade onde, dada a predominância numérica das mulheres sobre os homens, estes adquirem também as virtudes femininas da intriga e da maledicência...

Ali, pois, vivia o Conrado, com o seu cigarro de palha, a mulher, cinco filhos e a sua incurável ingenuidade, completamente deslocada, naquele meio velhaco de provincianos, mestiços, turcos e judeus. Mas, ia muito bem, na sua coletoria, até 25 de Outubro de 1930. Justamente nesse dia, de manhã, conversava com alguns amigos, sobre as últimas notícias da revolução, comentando, com seriedade, as mentiras oficiais, transmitidas pelo telégrafo.

Mostravam-se todos eles bastante satisfeitos. A princípio, houvera justo receio da derrota da legalidade — questão séria, num lugar, em que a metade da população é de funcionários públicos, e onde, nas últimas eleições, os revolucionários atuais só obtiveram alguns minguados votos... Mas, passara a apreensão, e o contentamento, sobretudo, naquele dia, se tornou universal. O Governo ganhára vários combates e estava reorganizando as forças do Norte, para rechazar de uma vez os revoltosos. Era o prefeito quem dava estas informações, ajuntando que se dispensariam brevemente os reservistas — medida logo aprovada por aqueles velhos, cujos filhos foram convocados e podiam embarcar de uma hora para outra...

Mas, a conversa interrompeu-se, com a chegada brusca do Jonas, telegrafista, que entrou exclamando:

— Caiu o "Barbudão"...

— O que? Como é isso? Que "Barbudão"?

Todos sabiam que o "Barbudão" era o Washington Luis, mas, aquela notícia tão inesperada e inverosímil os deixou pasmados, incapazes de raciocínio.

— Mas, como foi isso? Explique se, homem!

— Telegrama, que recebemos agora. O Governo caiu... Tres generais formaram uma junta governativa...

Foi um reboliço. Não era possível. Como? Mas, á tarde o prefeito recebeu notícias confirmativas da Capital do Estado. O Presidente narrava, com singeleza, os fatos, aconselhando calma, até que o Governo Central resolvesse a situação. Exigir calma, num momento destes, é, porém, tempo perdido. A' noite, um grupo de deserdeiros invadiu a cadeia, soltou e armou os prêzos, ocasionando enorme correria. A cidade amanheceu alarmada, principalmente quando se soube que os homens haviam entrado no edificio da coletoria e arrombado o cofre. Toca a procurar o Conrado, para saber notícias. Que é do Conrado?

\*\*

Conrado estava em casa, discutindo

## DESTE SÉCULO

conto de ANTONIO DE ARRUDA

PINDORAMA

com a mulher, sobre se ficava ou não com os cincoenta contos. Porque, não tendo confiança nas portas da coletoria, Conrado guardava o dinheiro consigo, em casa. Assim todos estavam enganados, nesse dia, em julgarem que os gatuões levavam alguma coisa. O dinheiro estava com ele. Nestas circunstâncias, a mulher achava que bem que podiam ficar ricos, mas, Conrado decididamente não estava por isso.

—O dinheiro é do Governo, Conrado. Se fosse de um particular, ainda bem, mas, do Estado, quem é que não aproveitaria?... Depois, ninguém fica sabendo...

—Não, Hermelinda. Sempre fui honesto. Do Governo ou de quem quer que seja, saibam ou não, sou incapaz de furtar...

E não houve pedido, súplicas nem ameaças, que o convencessem. Indo o Major Chico Lopes á Capital, conferenciar com os chefes políticos, sobre os últimos acontecimentos, Conrado entregou-lhe os cincoenta contos, afim de que os depositasse no Tesouro. E continuou dormindo, com a paz no espírito e no corpo.

Hermelinda é que não dormia. À noite, eram longas as horas de insônia, com aquelas visões fantásticas, que vinham ter com ela. Vira, com assombro, o major Chico Lopes receber de seu marido os cincoenta contos, um maço enorme de cédulas—e eram estas que, mal apagava as luzes, se punham a esvoaçar na sua frente. Acariciava-as, pegava-as, jogando-as depois, uma a uma, num gesto de pagamento feito por nababo... Logo após, já estavam bem arrumadinhas na sua bolsa (uma bolsa muito *chic*), quando fazia compras, pela cidade... Este momento é rápido, porém. Ei-las novamente a agitar, suspensas, como tocadas por uma brisa invisível... Meu Deus, tão tarde, são horas de dormir, guardêmos estas notas ali naquele cofre... Impossível. Eis aqui as terríveis de volta, já coloridas, já irónicas... Vade retro, satanás. E' satanás, que me vem atormentar... E essa mão intangível que anda sacudindo aí o rôlo fatídico...

De dia, não passava melhor, sempre macambúzia, evitando o marido, que começava já a provocar-lhe uma sensação inexplicável de ódio ou desprêzo, não estava certa... Conrado notou-o. Sentia-lhe,

á vezes, quando se fitavam, um fulgor estranho nas pupilas. Procurou, então, justificar-se. Mas, fazia-o desastrosamente, buscando abrigo nas ideias gerais, nas dissertações moralistas. Esforçava-se por fazer ver á esposa que a vida não comporta certas preocupações. Não pagava a pena essa corrida louca para o luxo e para o dinheiro, principalmente, quando este ficasse manchado com a nódoa indelével de sua origem criminosa...

Quando assim, Conrado procurava apreender o resultado de suas palavras, mas, só encontrava o olhar duro da esposa, aquele terrível clarão ameaçador. Redobrava de esforços:

—Está aí porque nunca me arrependo de haver lido Marden. Com ele está a verdadeira vida, isenta de males. Com ele achamos o sadio optimismo. Quero que você conheça Marden, Hermelinda...

Sêbo para Marden, sêbo para a Filosofia! O que ela queria era o dinheiro, o seu dinheiro—porque já o tinha como seu, e esta perda lhe causava uma dor semelhante a que deve sentir a donzela apaixonada e sincera, que houvesse jurado amor eterno e exclusivo a um único jovem, o qual, depois, morresse de desastre...

Lidia, a filha mais velha, pressentia aquela dissonância doméstica. Queria dar razão ao pai, tão bom, tão extremoso. Mas, ela mesma, no fundo, não lhe compreendera bem a atitude. O dinheiro devia ter sido roubado pelos salteadores. Que importava que o pai ficasse com ele? Depois, cincoenta contos eram o paraíso. Passeio ao Rio, um automóvel, talvez... E jamais se renovaria aquela desgasta de não haver sido convidado para o baile do "seu" Almeida: gente pobre não frequenta altas rodas. Agora, não, seria a primeira lembrada, com os seus sapatos de fazerem inveja, e os seus vestidos alucinantes...

Ora, um dia, estava Conrado á janela, pensando nestes dissabores ocasionados por sua conduta, que se lhe afigurava tão reta, tão justa, quando surge o Delegado de Policia, com duas praças. Vinha trémulo, emocionado:

—Conrado, eu sou seu amigo, mas, o dever é o dever...

—O que há?

*Conclue noutra página*

# Retalhos Históricos

## Um apêlo

Em frente á sua casa, nessa encantadora urbs, ocupando quasi uma quadra inteira, fica o antigo cemitério "São João Batista". Amplo portão de entrada á rua Major Gama, uma capelinha despida agora dos adornos, dormem ali no sono das noites mornas os formadores da cidade.

Durante os meses da canícula, quando o sol dardeja e cresta os jasmineiros que sombreiam as aleas da necropole esquecida, a impressão que envolve o visitante é desalodora e amarga, como se derradeira pá de terra cortasse o afeto dos sobreviventes áqueles que sucumbiram.

Foi dessa maneira que primeiramente vi o campo dos mortos da Cidade Branca, em contraste com a vida animada das suas praças e avenidas. Depois chegou a Primavera, e as arvores cobriram-se de folhagens densas, e as flôres perfumaram o quarteirão.

A romaria de Finados pôs á minha observação um outro aspecto, o da saudade pelos que

Á D. BABITA MOTA

CORUMBA

partiram, e o culto respeitoso á memória dos que rumaram au de-lá. A' legenda da cathedral de Toledo — pulvis, cines et nihil, sobrepunha-se o élo misterioso do coração.

E detive-me diante dos túmulos em que se acham reunidos os restos dos que bravamente, em 1867, pereceram pela libertação de Corumbá. E daqui agora, minha querida amiga, mando o presente apêlo. Você tem o bem querer de toda a gente da sua terra, e a estima das suas conterraneas tão gentis. Você e elas — almas femininas sempre sensíveis — se congregam qual muralha istransponível contra a secura da ingratidão humana.

Porque, em nome de injustificavel urbanismo já se murmura em Corumbá, ganhando adeptos, a-ideia infeliz transformar em logradouro público aquele trecho da cidade.

Paz aos que dormem o sono eterno!

Cordialmente,

*Estevão de Mendonça*

(Da Academia Matogrossense de Letras)

CAPITULO X

— Me chamou, Carlos?  
— Sim, te chamei Mário! Você não vai á festa?  
— Não. Hoje vou ajustar as minhas contas com o Cel. Timóteo. Resolvo o caso de qualquer jeito. Não vim aqui pra ser besta, ser roubado por êsse patife.

Já há tres anos Mario Marcos trabalhava nos seringais com o Cel. Timotéo Alves; naquela tarde, porém, o caboclo estava resolvido a ajustar as suas contas. tomou umas pingas, meteu o 44 na cintura e safu indignado. — “Hoje sim, resolvo o caso de qualquer fórmula: custe o que custar”.

«0—0»

— Boa tarde, Coronel!

— Boa tarde Mário; como vai rapaz?

— Bem. muito bem!

— Coronel, hoje vim ver minha conta, quero ver meu saldo.

— O' como não, Mário!

E o Cel. acendeu um cigarro de palha, deu umas cuspidas e gritou forte: Alexandre, panha aí o Conta-Correntes.

O Guarda-Livros entregou-lhe o Conta-Correntes, livro que bem poderia se chamar Livro Caixa das Inconsciencias.

O Cel. pôs o cigarro em cima da mesa, ajeitou os óculos sôbre o nariz adunco de judeu e foi lendo lentamente:

Mário Marcos

Deve:

30:000\$000

— O' Coronel! que é isso! em tres anos só devo, não, pode, é um roubo!

E o Cel. olhou-o por cima dos ócnlos e disse: — E' sempre assim, não pode, é roubo, é muito; olha rapaz, ocê paga se quiser, se num quiser eu mando tomar tudo que ocê tiver!

— Bem Coronel, o snr. faça uma revisão na minha conta porque com isso não concordo, disse o caboclo já zangado.

— Oh! Oh!! Oh!!! Ocê num concorda?! Que tenho eu com isso?! Aqui manda quem pode, quem tem fôrça e dinheiro!

Mal o Coronel acabara de pronunciar, as últimas palavras, vira o 44 roçar-lhe pelo rosto!

Gritou por Alexandre! O Guarda-Livro veio correndo, mas... Mário Marcos fe-lo parar: — Nem um passo bandido! e o 44 reluzia ao sol.

# Bétinha

J. B. Martins de Mello

— Uái... que foi que tu tá triste, Bétinha?

— Nada... nada.

De fato Bétinha, a moça mais alegre daquelas redondezas, andava triste, pensativa e de vez em quando, viam-na ajoelhada na capelinha da Imaculada Conceição, contrita, rezando horas a fio, pedindo talvez á querida mãe de Jesus, alguma graça.

E sempre que viam Bétinha na igreja, notavam os seus olhos lindos marejados de lágrimas.

Ninguém sabia decifrar o enigma. Ninguém conhecia o motivo da tristeza que surgira repentinamente naquela moça tão alegre e tão bonita.

Devéras, Bétinha era a mais linda das moçoilas daquêlê lugarejo. Cabelos pretos e setinosos, com duas lindas tranças que lhe caíam por cima do busto réto; o rosto fino como o de uma princesa, os lábios grossos e rubros, lembrando, uma rosa em botão; o corpo, — que cousa perfeita! —, com os traços certos e encantadores. Bétinha era mesmo uma beleza.

E os rapazes da vila, por ser a morena tão linda, viviam procurando-a mas ela não dava atenção, chamando-os de *atrividus*...

La vinha ela carregando um jarro d'água na cabeça, gingando o corpo perfeito e sacolejando as cadeiras, que, segundo Mané Lambão lá da venda, *era as maió sidução de Bétinha*...

— Me dá cá um sorriso, minina bunita...

— Dêxa de sê atrividu. Onde já se viu pidí sorr.so pr'uma moça?...

«\*»

Ninguém sabia o que acontecêra com a moça. Emagrecia cada vez mais e não deixava de ajoelhar se, contritamente, durante horas inteiras, a rezar á nossa Senhora.

Um dia, na venda do Mané Lambão, estavam reunidos, uns quatro ou cinco rapazes do lugarejo. Passa então a Bétinha com o seu jarro d'água na

cabeça, sacudindo o seu jovem corpo e cantando uma modinha da época.

Os rapazes logo se metem a engraçados e começam a dizer palavrinhas á formosa morena.

“Seá” Terência que havia entrado na venda para comprar um *dedosinho*, vê a brincadeira dos moços. A velha não apreciava a festejada Bétinha, e achou ótima a ocasião para dizer algo da moça.

— Vuncês tão é besta. Bétinha, essa critina e vaidosa, não lhis dá confiança. Vuncês num conhecêro o tar do Joaquilino, aquêlê rapagão, cabocro forte, vaquêro bamba, que 'steve aquí no mês passado? Pois óia, a Bétinha se perdeu a cabeça c'o êsse moço, que tá inté magreceno de paixão...

— Uái, é... responderam de uma só vez os rapazes, admirados.

“\*”

“Seá” Terencia, mulher sexagenária, era de um aspecto horrível. Magra, cabelos ainda pretos que só viviam emaranhados, quasi desdentada, era o terror da criançada, que via nela uma perfeita bruxa dos contos de fadas. Era tida como feiticeira.

Bétinha, certo dia, ainda com o seu modo triste, foi procurar a velha Terencia no sen casebre.

Bom dia, “seá”

Terencia.

— Que milagre é esse, santa Maria?!- Vunce pur aquí, me faz admirá.

— Olha, minha velha, eu vim ve se a senhora é capais de me dizê se o Joaquilino, aquele vaquero vórta ou num vórta...



A velha fransiu a testa. Por debaixo daquele rosto enrugado e feio, escondia-se o ódio. Chamar-lhe de *velha* era afronto e afronto dos grandes. E ainda quem.. Mas sorriu, não deixando que a formosa Bétinha notasse o seu rancôr.

Da gaveta de uma tósca mesa, "sea" Terencia tirou um baralho sujo, talvez da sua idade.

— A minina então se apaxonô. Bamo ve us baraiio.

A velha, em seguida, espalhou as cartas pela mesa e começou com a *tiração de sorte*.

Bétinha prendera a respiração; os seus seios arfavam e ela sentia o coração oprimir se. Qual seria a resposta da horrível cartomante?

— Minha fia... num tem remédio... este "az" misturado c'õ esse sete de ouro tá ruím: Joaquinino tá é c'õtra muié.

E a velha sorria, sorria da dôr da moçoila mais sedutora daquele lugarejo.

— "Sœá" Terência... escuta bem, a sinhora é uma porquera...

E Bétinha, avançando áquela horrível mulher, alcançou lhe a garganta e com os dedos fortes sufocou a, como que se vingando da dôr que sofria.

No outro dia, o nome da mais bonita rapariga daquelas rsdondezas, da sedutora morena, que tinha um corpo perfeito e as *cadêra formidave*, figurava na lista dos presos de uma imunda cadeia pública...

---

---

## Casamento de Macário

CONCLUSÃO DA PAG. 7

dade dele apesar do meu ceticismo, mas cheguei com o casamento, a este estado diferente de peversão de ideias. O casamento tem dessas coisas, adultera até ideias arraigadas um cerebro quasi quinquagenário!

Não veja, meu querido amigo, nestas minhas palavras sinais de aborrecimento. pois longe de me arrepender gosto, amo, adoro, idolatro minha mulhersinha. Ela deve ser a mulher ideal para um individuo normal, eu, porém, não descubro a razão deste pensamento estranho que tenta matar a felicidade que tão tardiamente conquistei. Apesar de solteirão, mesmo sendo, como sempre fui, difícil e calado, cbegando mesmo a timidez não devia em condições normais atrapalhar-me com uma mulher que idolatro. Daí as minhas preocupações e a razão pela qual lhe peço um conselho que poderá salvar-me. Já tentei tudo: sugestão, esquecimento, desvio do pensamento. Nada! sempre a preocupação idiota de que esta mulher sobra na minha vida.

Voce dirá lendo esta carta. "Mas o Macário está maluco" Erro seu porque é este pensamento sordido o ma-

lucu, o louco, o descabido. Eu mesmo reconheço a sua insanidade, e, reconhecendo nada posso fazer.

E' comico isto, principalmente quando se trata de um pessimita como eu. Será o destino esse destino insondavel que raivosamente, numa viugança preparou esta situação incomoda para um pobre diabo como eu; ou, pior ainda, estou apenas fantasiando?

Eis o mistério tremendo e dramático — logo comigo que sou contra o drama — metendo o nariz pela minha vida obscura e burocrática.

Quero o seu conselho; voce, deve encontrar uma solução para a meu caso, afim de que eu possa viver em paz com Julia. Pobrezinha! Aí de mim também que encontro no casamento problemas atordoantes que violentam um cerebro de um burocrata moroso como o meu.

Ouçã este apêlo aflito. a) seu Macário.

«0»

Respondi telegráficamente:  
"Os males e as desgraças encantam a vida".

# Conrado, heroi deste século

Conclusão da pagina 12

—Recebi um telegrama, e tenho ordem de prende-lo..

—Como, tenente! Que fiz eu?

—E', Conrado, deve ser engano... Mas, o senhor precisa embarcar. A ordem é de seguir hoje mesmo para a Capital..

—O que houve?—era a Hermelinda que se aproximava, atraída pelo falatório. O Delegado explicou lhe delicadamente o sucedido. Dada a rutura entre ela e o marido, natural seria que Hermelinda cumprimentasse a autoridade, pelo acertado da resolução. Mas—vá a gente esperar lógica das mulheres—em vez di-so, aprumou-se, mãos na cintura, e, em atitude ameaçadora:

—Prender meu marido? E' desafôro! Éle não vai..

Isto é o que o Delegado queria. Viera, constrangido, cumprir ordens. Mas, havendo resistencia, o caso era outro. Desapareceria o amigo, só ficava a autoridade.

—A senhora está dizendo bobagens, D. Hermelinda. O seu marido vai já! E é melhor que ele se apronte, se não quizer ir assim mesmo..

As duas praças mantinham-se á espreita, caladas...

Vendo que a resistencia não dera resultado, Hermelinda mudou de tática, começou a chorar, dando gritos nervosos, chamando pelos filhos Vieram, estes, que, por sugestão, entraram também a berrar, acudiram os vizinhos, uma balbúrdia.. Mas, o Conrado soube ser forte, impôs silêncio:

—Calma, gente! Porque éesse chôro? Eu vou, não têm impertância, e que é que eu fiz?... Não há de ser nada..

\* \*

Mas, Hermelinda continuou choramingando dois, tres, dias após a saída do Conrado, certa de que éesse negócio tinha relação com o dinheiro da coletoria. De fato, logo ao chegar, Conrado soube que o major Chico Lopes fizera crer ao Governo que éle, Conrado, embolsára os cincoenta contos, espalhando, em seguida, a noticia de que os jagunços os haviam roubado. O Interventor dera um murro na mesa, e decretára a prisão do Conra-

do, que agora estava ali em Palácio, esperando ser conduzido á audiência, para a qual o trouxeram. Observava, atônito, o estranho movimento que ia por ali. Viu o Manoel de Matos, um preto forte e espadaúdo, chegar ao Interventor, e dizer:

—O coroné Arvino anda basofiano de nós. Ainda de já hoje, éle disse que o sinhô é lóco...

O Interventor deu um forte murro na mesa, e gritou.—Major!

Veio o Ajadante de Ordens e perfilou-se.

—Quem é éesse coronel Alvino, que anda criticando o Governo?...

—E' um político decaído, antigo oppressor dêste povo..

Então, prenda! Maude prender, imediatamente...

De vez em quando, o Manoel de Matos ou o Ajudante trazia um individuo mal encarado, ou alguma velha de pele rançosa, que entravam imediatamente a desfiar uma longa história, depois do que o Interventor dava sempre um murro, acompanhado da consequente ordem de prisão..

Conrado permanecia em sua cadeira, á espera, e só muito tempo depois é que o Interventor o distinguuiu:

—E o senhor, que deseja?

—Eu sou o coletor de..

—Ah! Aquele patife, que nos roubou cincoenta contos?..

—Não, coronel! V. Exc. está enganado..

E o pobre Conrado começou a defender-se, contando a verdadeira história do dinheiro. Falou com sinceridade, e estava quasi convencendo o Interventor, que, afinal, chamou pelo Manoel de Matos, que se mantivera á distancia, ouvindo a conversa. Conrado compreendeu logo que o seu caso estava nas mãos do preto, naquela época, erigido, muitas vezes, em árbitro de pendências. Por isso, dirigiu-lhe uns olhos suplicantes, quando éle se aproximou. Mas, entre ambos já houvera, em tempos, uma pequena desinteligência. Um filho de Manoel de Matos quis, de uma feita, casar-se com uma afilhada e pupila do Conrado, que, em vez

OLAVO BILAC -- o maior representante do *Parnase Contemporain* no Brasil, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1865. Aí fez os seus estudos preparatórios. Frequentou a Faculdade de Direito de São Paulo, e a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sem contudo concluir nenhum dos dois cursos.

Nasceu sob o imperativo de uma profunda inspiração poética. O seu nome completo constitui um alexandrino perfeito—Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac—. O ano do seu nascimento, coincide com o aparecimento da corrente parnasiana que revolucionou a França depois de 1865, e que seria mais tarde a sua escola.

Jovem ainda, já colaborava nos melhores jornais e revistas literárias do País. Dirigiu a redação do *O Combate*, em cujas colunas defendeu arduamente as ideias republicanas. Brilhou sobre tudo pelo seu raro talento poético, que lhe assegurou um lugar de destaque no cenário das letras nacionais. O seu processo literário impressiona pela simplicidade e limpidez de estilo. Prosador correto e elegante tornou-se um verdadeiro parnasiano.

A escola francesa de Leconte de Lisle, de Guatier, Banville, e tantos outros, transplantada para cá sofreu profundamente sob a força vigorosa e sentimental do brasileiro. Além da preferência de temas objetivos, a nova corrente tinha outras tendências naturais que viriam posteriormente constituir uma forte reação contra os exageros e liberdades do romantismo: correção de linguagem, esmero de forma, perfeição de métrica, e sobretudo o gosto pela erudição, revelada pelos autores históricos. O ideal e o objetivo da nova corrente literária está perfeitamente claro e expresso naquele belo poema de Guatier intitulado *L'Art*. A constante preocupação do poeta de *Cacador de Esmeraldas* ele mesmo o confessa, é

«Que a estrofe cristalina  
Desdobrada ao jeito  
Do ourives, saía da oficina  
Sem um defeito»

A sua inspiração é limitada. Os seus versos de uma grande felicidade e facilidade de expressão. Estreou-se como escritor com um magnífico livro de versos (*Poesias*) publicado em São

Continua adiante

---

desta, lhe prometeu umas chicotadas, se acaso teimasse na sua pretensão. Conrado esquecera-se do atrito, não assim o outro, que o tinha bem presente, na memória. Tanto que, quando o Interventor o inquiriu:—Que tal, Manoel? Que acha desse caso?—teve um sorriso maligno:

—Ah! Coronel! Este rapais, aqui, é brejeiro. Hum! Eu num aquerdito no que ele tá falando. O majó Chico Lope é home sério, e num era capais de fazê uma ladroeira dessa. Este rapais é munto brejeiro! Eu, como o sinhô, le dava uns seis ano de cadeia...

O Interventor, que vinha acompanhando esta exposição com um sorriso interessado, ao ouvir o último conselho, soltou uma gargalhada sonora:

Você é formidável, Manoel! Você é formidável! Mande recolher o homem, Manoel!

E foi assim que o Conrado se viu metido naquele cubículo da cadeia, onde o foi achar, tempos depois, ainda preocupado com um problema, que ele próprio se impôs:—saber se, se mesmo que houvesse previsto todos estes acontecimentos, deveria ter ou não ficado com os cinquenta contos. Isto é, qual o preferível, o sofrimento honrado ou a vitória com aleijões na consciência. Problema gravíssimo, e Conrado, que o propôs, é indiscutivelmente um herói, neste século...

Janeiro, 1939.

## MEU POEMA PARA SÃO PAULO

Venho rever-te, novamente,  
— depois de quanto tempo! —  
São Paulo da minha saudade!  
Es tão outra, tão diferente e tão a mesma!  
Cresceste em todo o sentido e em todos os sentidos.  
A São Paulo-menina  
que conheci, tímida, e meiga,  
balbuciando ternuras  
numa língua que era uma exótica salada  
de português, de brasileiro e de italiano,  
que frequentava o Radium e o Iris  
nas sessões chiques de sábado  
e fazia o curso na avenida paulista  
e brincava na Cantareira, no Bosque e no jardim da aclimação,  
e andava de boina, singela, pelo Triângulo,  
sob a garôa fina  
e leve  
e fria  
e fluida...  
hoje é essa São Paulo mulher-feita magnífica  
que anda de auto de luxo pela avenida São João,  
ostenta joias caras e suntuosas peles,  
como os seus bairros cosmopolitas até nos nomes:  
— Jardim-europa, jardim-america, jardins de todos os países  
mas brasileira até a medula  
(a avenida brasil é a mais bela de todas)  
e as fabricas do Braz e o parque industrial  
da cidade dinamo incomparavel..  
São Paulo trepidante de progresso  
mas sempre a mesma, recolhida, melancólica  
e sugestiva  
como, talvez, nenhuma outra cidade no mundo,  
doce sob a garôa,

## JOSÉ DE MESQUITA

*mas exibindo, magestosa,  
ao sol claro*

*e diáfano*

*e lícido*

*e macio*

*a sua floresta de chaminés gigantes  
e o seu formidável Martinelli,  
no fervilhar de suas ruas e alamedas..*

*São Paulo, terra mística e dolente*

*com o seu espírito impregnado da mansuetude cristã de Anchieta  
que nós levamos dentro de nós*

*na sonoridade inefável e sugestiva*

*do carrilhão de São-Bento...*

*São Paulo que conduziu té minha terra distante  
o sentimento da brasilidade*

*e a quem, no retorno ciclico das bandeiras,*

*nós outros matogrossenses,*

*goianos, mineiros ou gauchos,*

*trazemos a oblata deste afêto atavico e profundo...*

*São Paulo yanke da America do Sul*

*mas, ao mesmo tempo, a terra mais romantica do mundo,*

*berço de Alvares de Azevedo, o Byron brasileiro,*

*cujas noites de grão e cujas belas filhas*

*inspiraram o genio de Castro Alves ...*

*São Paulo, como te quero,*

*intimamente, religiosamente,*

*Bruges la- morte a esperar teu Rodembach —*

*terra mais triste do mundo,*

*mas tambem a mais meiga...*

*São Paulo da minha saudade!*

Dezembro 1938

(Dos "Rimcs Novos')

## O funcionário rebelde

D  
U  
R  
V  
A  
L  
  
G  
O  
M  
E  
S  
  
M  
O  
N  
T  
E  
I  
R  
O



e  
s  
c  
r  
e  
v  
e  
u  
  
e  
  
i  
l  
u  
s  
t  
r  
o  
u

Foi aberto concurso para preencher uma vaga em certa repartição pública. Dentre os candidatos que foram em número de 10, foi aproveitado aquele que contava com o melhor pistolão. Os demais que obtiveram melhores notas, ficaram chupando dedo, enquanto que o Zéquinha, rapaz solteiro, sem preparo e indolente de natureza, teve a preferéncia para ocupar o lugar vago de datilógrafo da repartição.

Por cúmulo do peso, o Zéquinha assinou o termo de compromisso e tomou posse no dia 13, sexta feira, dia para ele considerado aziago.

Passaram-se os dias do mês, quando o diretor teve conhecimento de que o novo funcionário poucas vezes apareceu na repartição e assim mesmo saía e chegava fóra de hora.

Em vista dessas irregularidades, o diretor resolveu punir o funcionário

rebelde, chamando o á sua presença.

— Sim senhor, *seo* Zéquinha. Então o que significa isso?

— Isso o que, snr. Diretor?

— Em que dia o snr. tomou posse?

— No dia 13, sim senhor.

— Mas... no dia 14 o senhor não compareceu ao expediente, não é verdade?

— Sim, senhor diretor.

— No dia 15 também, não é verdade?

— Sim, senhor diretor.

— No dia 16 o senhor apenas assinou o ponto e deu o fóra.

— Foi, snr. diretor. O dia 16 foi um mau dia.

— No dia 17 o senhor faltou ao primeiro expediente.

— E' verdade, snr. diretor. O dia 17 foi um mau dia.

*Continúa adiante*

# Cenas e relatos

## CICLISTAS CUIABANAS

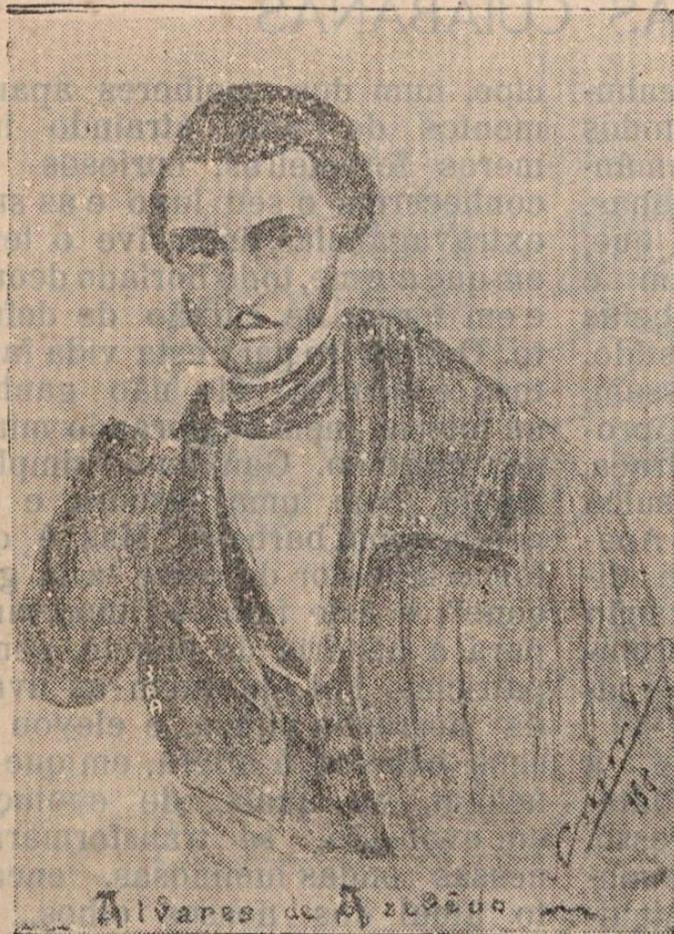
Não me ocorre hoje nenhuma cena, esqueço-me de todos os relatos — para celebrar românticamente, as ciclistas cuiabanas. Sim, gentis patricias, a vocês, que, há alguns meses, se reuniram e e apresentaram uma das belas paradas, a que temos assistido. A vocês, que diariamente passam, nas suas bicicletas e é a própria Mocidade e a própria Graça, que ondulam, deixando um sulco de admiração e entusiasmo. Apenas... Sim, é preciso que se diga, apenas com a reclamação do Preconceito, que fica murmurando, em algumas esquinas e janelas.

O preconceito constitui a pequena falange dos retardatários. Não suporta o progresso, abomina a evolução. O Preconceito não admite que vocês adquiram a saúde e a força, nesses banhos de luz e de movimentos — porque, diz ele que a mulher compete a sombra do lar, arrastando a sua indolência pelos vários compartimentos da casa, ou estiolando-se na água morna dos romances sentimentais de M. Delly... Deixe-no dizer, gentis patricias. O Preconceito desconhece a existência de Antoine, cabeleireiro, e de Jean Patou, modista. Dizem que a transformação atual da sociedade é obra da Grande Guerra. Histórias. Quem revolucionou o mundo foram aqueles dois extraordinários artifices. Antoine vive hoje uma existência de prin-

cipe, num dos melhores apartamentos de Paris, atraindo inúmeros forasteiros, curiosos em conhecerem o seu luxo e as suas extravagâncias, inclusive o leito, em que dorme, todo borlado de ouro e em forma de caixão de defunto. O dinheiro para esta vida faustosa e bizarra, ele não ganhou na loteria, nem explorando minas de petróleo. Ganhou-o simplesmente com uma tesoura e um pente, como barbeiro. Mas, é que foi o inventor do corte "à la garçon", e este fato é importante para a história do mundo, gentis patricias. Foi ele quem as livrou da horrenda pituca, e elevou os seus cabelos à altura, em que se acham, os quais, de evolução em evolução, se transformaram nessas ondas luminosas, encanto atual dos nossos olhos... O outro, Jean Patou, quando ideou e executou os seus primeiros modelos de vestidos, dava-os de presente às "vedettes" de Paris, afim de que os mostrassem nos "Boulevards", não tendo coragem de expô-los à venda, tal a audácia da concepção para aqueles tempos. Entretanto a moda pegou e invadiu o universo inteiro, e é este o segundo marco do pulo vertiginoso, que deu a civilização contemporânea. Com as ideias desafogadas da enorme cabeleira antiga, e com a airo-sidade, que lhe davam os novos vestidos — a mulher saltou para

Conclue na página 24

# O SATANISTA



Iremos estudar agora, um outro aspecto na poética de Álvares de Azevedo:— O Satanismo.

Era meu desejo, meus Senhores, trazer vos alguma coisa de novo.

Era meu desejo mostrar-vos que o immortal cantor da "Lira dos Vinte Anos" foi muito além do que se tem escrito a seu respeito.

Álvares de Azevedo foi satanista como Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire. Seu livro "Noite na Taverna", são páginas brilhantes de satanismo, que bem poderiam figurar ao lado das "Histórias Extraordinárias" de Edgar Poe ou das "Flores do Mal" de Baudelaire, se em outro meio tivesse vivido o poeta genial do Romantismo Brasileiro.

Escrevendo a respeito de Poe disse Klabund: Poe é o poeta do luzco-fusco,

dos crepúsculos, do pálido horror, do medo, da desesperança acabrunhadora, em que o corvo em seu crocitar áspero e monótono repete: "nunca mais, nunca mais".

E Álvares dizia em "Gloria Moribunda":

"E o mundo? não me entende. Para as turbas  
Eu sou um louco que se aponta ao dedo";  
vivendo a mesma tragédia dolorosa e fantástica do artista de "The Raven" Ou ainda:  
"E' uma visão medonha uma caveira?"

Não tremas de pavor, ergue-a do lodo  
Foi a cabeça ardente de um poeta,  
Outrora a sombra dos cabelos loiros.  
Quando o reflexo do viver feroso  
Ali dentro animava o pensamento,  
Esta fronte era bela. Aqui nas faces  
Formosa palidez cobria o rosto,  
Nessas órbitas ócas, denegridas,  
Como era puro seu olhar sombrio".

Eis, Meus Senhores, outra página de satanismo; e é por isso talvez, que Ronald de Carvalho escreveu e com razão que: "A poesia da dúvida, ao mesmo tempo dolorosa e irônica, elevou-a Álvares de Azevedo á mais alta intensidade, servindo-se, para isso, de um estilo cheio de tons velados e das meias tintas, tão ao gosto dos satanistas, como Baudelaire e Rollinat, aos quais, diga-se de passagem, êle nada deveu".

"Meu Deus! e assim fizeste a creatura?

Amassaste ao lodo o peito humano?  
O' poeta, silencio!—é este o homem  
A feitura de Deus! a imagem dele!  
O rei da criação!...

Que verme infame!  
Não Deus, porém, Satan no peito  
Uma corda prendeu te-o egoismo!  
O' miséria, meu Deus! e que miséria!

De paralelo com o escritor de "Macário", podemos colocar Charles Baudelaire e o extraordinário Edgar Pöe, tendo a considerar que Baudelaire era francês, e para o francês traduziu as obras de Pöe. Esta talvez, seja a causa de serem Pöe e Baudelaire universalmente conhecidos; porque, o francês é uma lingua universal.

Alvares, escreveu em português, e a lingua portuguesa, disse Alexandre Herculano, é o «túmulo do Pensamento», encobrendo funebremente as joias admiráveis do idioma

Esta página de Alvares que vou transcrever, é uma pequena amostra da sua fantasia demoníaca como a de Baudelaire e Pöe.

"Entramos numa sala. Ela foi buscar uma luz e deixou-me no escuro.

Procurei, tateando, um lugar para assentar-me, toquei numa mesa. Mas ao passar-lhe a mão sentia a banhada de umidade: além senti uma cabeça fria como neve e molhada de um líquido espesso e meio coagulado. Era sangue...

Quando Angela veio com a luz, eu vi... Era horrível! — O marido estava degolado.

Era uma estatua de gesso lavada em sangue.. Sobre o peito do assassinado estava uma criança de braços. Ela ergueu-a pelos cabelos... Estava morta também: o sangue que corria das veias rotas de seu peito se misturava com o do pai!

—Vês, Bertram, esse era o meu presente: agora será, negro embora, um sonho do meu passado. Sou tua e tua só. Foi por ti que tive força bastante para tanto crime.. Vem, tudo está pronto, fuja-mos. A nós o futuro."

E assim, Meus Senhores, ninguém deixará de reconhecer em Alvares de Azevedo um grande poeta satanista. E a isso afirma Silvio Romero na sua monumental História da Literatura Brasileira:

"Quando se fala em Azevedo vem logo à mente a idéia de um lacrimoso perpetuo. Pois é um grande erro.

Há nele páginas de um objetivismo completo: Pedro Ivo, Teresa, Cantiga do Sertanejo, Na Minha Terra, Crepúsculo no mar, Crepúsculo nas montanhas, e muitas outras. Em Gloria Moribunda, Cadaver de poeta, Sombra de D. Juan, Boemios, Poeta do Frade, e no Conde Lopo, recentemente publicado, há muito desse satanismo, desse desprazer da vida em que veio acabar o romantismo. Há apenas mais talento do que em Baudelaire; porque de envolta com os desalentos e extravagancia do genero, em Azevedo apparecem manifestações de lirismo que não possuía tão eloquentes o poeta francês."

*trecho de uma conferência de Rubens de Mendonça intitulada: "Alvares de Azevedo, o Romantico Satanista."*

---

## PERFÍS LITERÁRIOS

Continuação da pagina 17

Paulo em 88; *Sagres*, poemeto de caracter histórico é de 1898; a nova coleção de versos (Poesias) de 1902. *Tarde*, os seus últimos versos de 1919.

A sua obra é pequena e interessante. Nela distinguimos tres partes distintas: á parte histórica em que se destacam belos episodios da história geral; a parte nacional onde a história do Brasil e de seus maiores vultos encontra o pincel admiravel da sua pena; e ainda a parte lírica, profundamente sentimental e escrita de maneira original, em formas superiores de belezas inalteráveis.

Além de magnífica produção poetica ainda escreveu em prosa: *Cronicas e Novelas Critica e Fantasia, Conferências Literárias, ironia e Piedade, Últimas Conferencias e Aiscursos, Dtravés do Brasil, Contos Pátrios, Patria Brasileira, Poesias Infantis*, e um pequeno *Tratado de versificação*.

Exerceu o cargo de Inspetor Federal do Ensino do Rio de Janeiro representou o Brasil, como secretário, na terceira Conferencia Pan-Americana, cujo desempenho levou-o novamente a representar o seu País no Congresso Pan Americano reunido

em Buenos-Ayres em 1910. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira patrocinada por Gonçalves Dias.

A simplicidade do seu estilo, tornou-o visivelmente querido e esplendido. Os seus trabalhos, em geral, escondem a marca da oficina, mostrando-se naturais e espontâneas. Os motivos amorosos enchem a maioria dos seus versos. E o segredo da sua ins-

piração está justamente nesse pansensualismo em que se misturam todas as manifestações do cosmo, e em que vibram unisonas ao mesmo sonho de amor.

Bilac, faleceu no Rio de Janeiro em fins de 1918. A sua vida foi uma luta constante, e um permanente combate pela Beleza e pela Patria.

Nada mais belo. Nada mais interessante.

Rio de Janeiro, Junho de 1939.

---

---

## Cenas e relatos

*Continuação da pagina 21*

a arena, falou em público, impondo reformas, forçando a modificação do Direito. E fez-se congressista, gerente de empresas, nadadora, datilógrafa...

E aqui está, minhas gentis patricias, porque podemos hoje admirá-las, nas suas bicicletas. Já disse que os retrógrados, neste particular, não as apreciam, e, para se darem importância, invocam principios de moral e severidade de costume. Ora, é claro que todos nós desejamos, na Mulher, pureza e castidade. Mas, não é nos esportes, que se adquire a devassidão. O mal vem muito menos do corpo do que da alma; muito mais da inteligência do que dos sentidos.

Ademais, sabemos, gentis patricias, que o seu objetivo é altamente nobre, pois, tem em vista a procura da elegância, pela plástica, que é tudo. A plástica, a forma, esteja ela num quadro, num mármore, ou num corpo de mulher, é sempre mais interessante que qualquer outra manifestação de beleza. Preferível a um discurso acadêmico dos mais

bem feitos, ou a uma dissertação filosófica das melhores acabadas...

O seu objetivo, gentis patricias, é em suma a própria Beleza, disse-o Oscar Wilde, o mais sutil de todos os ingleses, é superior ao Gênio, porque evidente por si mesma. E' uma dessas cousas maravilhosas, que não necessitam de explicação, e constituem os grandes fatos do mundo, como o sol, a lua, a primavera...

H. Menon

---

## Festas de Junho

*Conclusão da pagina 9*

tãs. Abraços de gerações, entendimento de espíritos, ao redor das chamas joaninas — e, invisivelmente, através do tempo, na coerência da fé histórica e intacta. Sadios costumes do passado. Poesia das épocas idas, força, encanto, esplendor da nossa rude, honrada e calma civilização de outrora...»

Que não morram, pois, tão gloriosas tradições nas terras, onde a luz elétrica ainda não pôde empalidecer o luar e nem o brilho das fogueiras de São João.



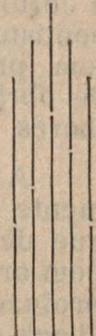
## *Última ilusão*

Porque vieste, ao declinar do dia,  
animar meu viver de solitário?  
quando meu peito é cofre mortuário,  
guardando um coração em agouia...

Teu sorriso é cantar de cotovia,  
na alvorada de um sol incendiário.  
O meu riso é tanger de campanário,  
anunciando o chegar da noite fria.

Que importa, seja eu velho e sejas moça?!...  
Sofra embora te ver disiludida,  
que um cântico de amor ainda eu ouça!...

Felicidade!... és filha da quimera!...  
e, na tarde outonal de minha vida,  
dás-me alegres manhãs de primavera!...



J. VILASBOAS

# Movimento Literário



## CORAÇÃO INQUIETO — STEFAN ZWEIG — LIVRARIA GUANABARA 1939

Aparece em tradução brasileira o último livro de Stefan Zweig, "Coração Inquieto," editado ao mesmo tempo em Paris, Londres, New-York e Rio de Janeiro. A obra do autor de "Amok" por demais conhecida pelo público brasileiro dispensa adjetivos. Criticado muitas vezes por críticos mais ao menos apressados, acusado de falsear a verdade histórica como na biografia de Maria Antonieta tem o autor de "Joseph Fouché" um público numeroso e certo no mundo inteiro. Romancista, contista, novelista, biógrafo e ensaísta, tem produzida mais de uma dezena de obras dignas de figurarem nas melhores bibliotecas.

A sua técnica no romance, puramente psicológico é difícil, mas consegue dentro dessa dificuldade arquitetar com arte, com sutileza e sobretudo com profundidade o seu tema. A história, o "back-ground" de "Coração Inquieto" é o drama de uma pobre parálitica, de um obscuro oficial e de um pai desesperado com um passado nada recomendável.

Consegue Stefan Zweig dentro de quatrocentas páginas, manter, no

entanto, o interesse do leitor que vai aumentando "in crescendo" até o desenlace final. Livro doloroso e real, guarda os traços inconfundíveis da técnica e da arte do creador de "Vinte e quatro horas de vida de uma mulher", "Fadado a um sucesso certo representa mais um presente da Editora Guanabara ao público brasileiro.

\*\*

## SUL — ROMANCE DE GUILHERME DE FIGUEIREDO — JOSÉ OLÍMPIO EDITORA — 1939

O segundo grande romance brasileiro de 1939 acaba de aparecer. Vale este livro como afirmação de um romancista de escôl. Retratando a vida das minas de Morro Velho, tema inexplorado até agora, faz Guilherme de Figueiredo um livro seguro e humano.

\*\*

## NOVIDADES LITERÁRIAS

"De Livia a Dona Carmo" — de José de Mesquita, da qual falaremos oportunamente. Dicionário de Sociologia e Etnologia — de Herbert Baldus e Emilio Willens. — Editora Nacional. Geração Decisiva — Alvaro Penafiel — Editora Schmidt.

## Funcionário rebelde

*Conclusão da página 20*

— E o senhor ainda tem a coragem de afirmar?

— Afirmo porque é verdade, snr. diretor.

— E no dia 18, o senhor sabe o que fez?

— No dia 18... 18... ah! ja sei; nesse dia não vim ao expediente. Não, não vim, sim senhor — Agora me lem-

bro; no dia 18 eu vim, porem saí ás 2 horas da tarde.

— E no dia 19? E no dia 20, 2 ?!.. Perguntou o diretor furioso.

— Nesses dias (disse o funcionário todo tremulo, sem olhar os olhos fais-cantes do diretor) eu não comparecí ao serviço, mas... hoje é 22 snr. diretor, e estou presente.

— Mas... eu quero que o senhor explique porque tem procedido assim.

— E' que eu nada faço sem primeiro consultar o Almanaque do Pensamento.

### A IMPRENSA

é o meio IDEAL para  
PROPAGANDA

Por isso:

— Escolhei uma empresa que pelas suas numerosas relações com o mundo dos negócios antecipe a garantia no successo do vosso annuncio;

— Ella saberá escolher, com todo o criterio, a publicação que vos convém para annunciar;

— A empresa de publicidade e o jornal são elementos unidos na efficiencia da propaganda;

— O jornal é um habito do homem moderno. De manhã, á tarde ou á noite, elle sempre o lê;

— E o annuncio bem feito sabe entrar pelos olhos, ir ao espirito e ao coração e decidir da preferencia na escolha;

— Se tendes, porventura, alguma duvida, consulte-nos que attenderemos com prazer.

### A ECLECTICA

PUBLICIDADE • ASSIGNATURAS

SÃO PAULO: Rua São Bento, 11 - Caixa, 539 - Telex. 2-0370 e 2-2402  
RIO: Av. Rio Branco, 137 - Caixa Postal, 2392 - Telephone 23-5206

Composta e impressa na Tip. A. Evangelista — Cuiabá —

## *Irmãos Miraglia*

têm a honra de apresentar  
relógios da Fábrica Univer-  
sal (de Genève-Suissa).

**Relógios de reputação mundial.**

Outros artigos finos para homem

**RUA 13 DE JUNHO N.104 Telefone, 244**

**CUIABA'**

**MATO-GROSSO**

# PINDORAMA

—Revista de crítica e literatura —

Publica-se duas vezes por mês

DIREÇÃO : GERVÁSIO LEITE, J. B. MARTINS DE MELLO E  
RUBENS DE MENDONÇA

## EXPDIENTE

Redação : Rua Comte. Costa, 101 — Telefone 42

## TABELA DE PREÇOS : ASSINATURAS

	CUIABA'	FÓRA
Anual	45\$000	55\$000
Semestral	24\$000	28\$000
Mensal	4\$000	5\$000
Número avulso	2\$000	3\$000

**Publicaremos no  
próximo número:**

**O Brasil e a arte Moderna** *de Gercásio Leite*

**Epopéia dos trilhos** *de Ciro Sodré*

**Carlos Gomes** *de Odilo Silva*

**Lampeão** *de J. B. Martins de Mello*

**Castro Alves é um consola** *de Lobivar de Matos*

**O outro Nietzsche** *de Cesario Netto*

**A última luminária** *de José de Mesquita*

**Política racista ou preconceito racial?** *de Sylvio Guimarães*

**Do "Bazar de Sonhos"** *de Gui de Mesquita*

**Semente humana** *de António de Arruda*

**Mulheres de Pitigrilli** *de Rubens de A.endonça*

*além de publicações de Estevão de Mendonça, Gen. Moreira Guimarães e outros*